



## TENDÊNCIA DE ATIVIDADES DE APROPRIAÇÃO DO SEA NAS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

*Tania Tuchtenhagen Clarindo<sup>1</sup>*

1. **Eixo temático: 6.** Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens;

**Resumo:** O presente artigo faz um recorte da pesquisa de doutorado que objetiva descrever e analisar as relações entre práticas pedagógicas e o desempenho em leitura e escrita dos alunos do ciclo de alfabetização de uma escola da rede pública de Pelotas, vinculada ao PNAIC. A pesquisa trata da aquisição da leitura e escrita, sendo nesse trabalho o recorte das atividades de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) nas práticas das professoras o mais enfocado. Tal pesquisa é vinculada ao GEALE – Grupo de Estudos sobre a Aquisição da Linguagem Escrita da UFPel. Os dados analisados foram coletados observando as rotinas semanais explicitadas nos cadernos de planejamento das professoras, observações na sala de aula e registros no diário de campo produzido pela pesquisadora. A pesquisa respalda-se em autores como Morais (2005); (2008); (2012) e Soares (2016). A pesquisa buscou verificar a hipótese de que o desempenho da leitura e da escrita no ciclo de alfabetização está estreitamente relacionado às práticas observadas no cotidiano escolar. Os resultados apontaram a tendência de uso das unidades linguísticas como letra, palavra e sílaba. Observou-se ainda que as atividades ficaram mais focadas no campo da identificação, sendo pouco exploradas atividades de comparação de palavras, quanto ao número de letras; quanto a presença de letras iguais/diferentes; quanto ao número de sílabas; quanto à presença de sílabas iguais/diferentes. Sendo portanto, pouco exploradas atividades de reflexão sobre o sistema de escrita.

**Palavras-chaves:** apropriação do SEA; alfabetização; prática; professoras.

### Introdução

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela UFPel na linha de pesquisa: cultura escrita, linguagens e aprendizagem. Contato: taniapactoufpel@gmail.com

A alfabetização de crianças ainda se constitui em grande desafio no cenário da educação brasileira contemporânea, tais desafios, foram acentuados no período da pandemia e pós-pandemia da COVID-19.

Tal fracasso da alfabetização é considerado por Moraes (2012, p.23) como o resultado de um verdadeiro “*apartheid* educacional”, no qual coexiste um sistema de ensino destinado à classe média e à burguesia e outro destinado às camadas populares, no qual se naturaliza a falta de compreensão do SEA. A fim de melhor compreender este fenômeno e trazer contribuições para o campo da alfabetização se efetiva o presente estudo que tem como objetivo descrever e analisar as relações entre práticas pedagógicas e o desempenho em leitura e escrita dos alunos do ciclo de alfabetização de uma escola da rede pública de Pelotas, vinculada ao PNAIC. A pesquisa trata da aquisição da leitura e escrita, sendo nesse trabalho o recorte das atividades de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) nas práticas das professoras o mais focado. Os dados analisados foram coletados observando as rotinas semanais explicitadas nos cadernos de planejamento das professoras, nas observações na sala de aula e nos registros no diário de campo produzido pela pesquisadora. As bases teóricas que sustentam esta investigação de cunho qualitativo são Minayo (1994; 2011) e Demo (2007). A abordagem quantitativa será também utilizada como uma forma de acrescentar elementos, especialmente à análise das atividades de apropriação do SEA nas práticas pedagógicas das professoras.

## **2 Fundamentação teórica<sup>2</sup>**

A escrita alfabética reflete o sistema de sons da língua e é, portanto, regida por um sistema, ou seja, por um número limitado de unidades (consoantes e vogais) regidas por um conjunto de regras de combinação. Os sistemas de escrita não são simples códigos, mas sistemas notacionais. Para Moraes (2005, p.32) as notações são “marcas externas, símbolos registrados sobre superfícies que atuam em substituição a objetos ou eventos do mundo real”. Superfícies como as folhas de papel ou a tela de computador dão materialidade ao sistema notacional da escrita. São exemplos de sistemas notacionais ainda o de numeração decimal, a notação cartográfica e a notação musical, por exemplo. Sendo assim, tais sistemas representam algo por meio de símbolos ou caracteres, fazendo uma simbolização do objeto que substitui e não uma réplica do objeto simbolizado, pois algumas características são

priorizadas para serem simbolizadas e outras não são levadas em conta. Para Karmiloff-Smith (1992) e Tolchinsky (1995) é possível argumentar em favor de uma capacidade específica dos humanos para produzir notações, o que leva à criação de sistemas notacionais, tais como o sistema de escrita alfabético que se trata de um sistema de representação externa.

Já para Ferreiro (2011, p. 16), “a invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação”. Nesta mesma linha de raciocínio, Soares conclui que o sistema da língua escrita é de representação e notacional, pois durante a alfabetização a criança:

Ao compreender o que a escrita *representa* (a cadeia sonora da fala, não seu conteúdo semântico), precisa também aprender a *notação* com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala, (os grafemas e suas relações com os fonemas, bem como a posição desses elementos no sistema) (SOARES, 2016, p. 49)

Dessa forma, entender a escrita alfabética, implica em compreender que as palavras são representadas por composições de grafemas e que essas notações se relacionam a fonemas. É quando se percebe que a “escrita representa a cadeia sonora da fala”, conforme Soares (2016, p. 234), quando se percebe que, para escrever palavras diferentes, é preciso variar as formas gráficas registradas, variando a quantidade, a ordem, a posição ou o repertório de letras. É entender que a escrita alfabética é, em si, um objeto de conhecimento, e para compreender os princípios que regem esse sistema não bastam apenas habilidades de memória, habilidades motoras ou o reconhecimento do som individual das letras.

Essa compreensão do Sistema de Escrita Alfabética – SEA – não é adquirida naturalmente, ao contrário, é um processo complexo em que a criança pensa, reflete, cria hipóteses, constrói e reconstrói o conhecimento durante o processo de aquisição da escrita.

Nas discussões sobre a fala e a escrita, há contribuições para se pensar as práticas de escrita na escola, como por exemplo, a de Stanovich (2000, p. 364) que afirma ser “a fala é quase tão antiga quanto à espécie humana, mas a língua escrita é uma invenção cultural [...]” e a de Chomsky (1965), que argumenta ser a língua uma capacidade inata do ser humano. Dessa maneira, pode-se concluir que a fala é naturalmente adquirida desde que a criança esteja inserida em ambientes nos quais a língua materna esteja presente, não havendo necessidade de ser ensinada de maneira explícita e consciente. Já a escrita, por seu turno, precisa ser ensinada, de preferência, acompanhada de um trabalho sistemático de reflexão sobre o SEA (SOARES, 2016; MORAIS, 2005, 2012).

Houve um processo para que a humanidade chegasse à escrita alfabética, como mostra a filogênese, assim como do ponto de vista da criança aprendiz há um processo de construção de conhecimento para a aprendizagem da escrita alfabética cujo curso foi descrito por Ferreiro e Teberosky (1984) em sua teoria sobre a psicogênese da escrita, a qual considera o estudante sujeito ativo no seu processo de construção do conhecimento onde reflete, compara, ordena, categoriza, exclui, reformula e cria hipóteses sobre o objeto de conhecimento em questão.

Nessa perspectiva, a noção de erro é uma ideia importante, uma vez que o conhecimento não é dado, mas resulta de uma aquisição. O caminho em direção ao conhecimento objetivo não é linear e as formas errôneas produzidas são construtivas porque, além de permitirem acesso a forma do conhecimento que as gerou, constituem um pré-requisito à obtenção da resposta correta. Assim, mesmo que a criança escreva palavras erradas do ponto de vista da escrita convencional, por exemplo, tais erros são vistos como imprescindíveis ao processo de aprendizagem e servem como pistas indicativas de como o estudante estava pensando no momento de escrever, bem como mostram o que falta ainda aprender. Tal concepção pode ser importante para orientar a intervenção e a prática pedagógica do professor, oportunizando novas situações de conflito cognitivo e possibilitando uma nova orientação do docente para que o aluno prossiga em sua construção do conhecimento.

### 3. Resultados e Discussão

No quadro 1, serão apresentados os dados coletados através dos registros dos cadernos de planejamento das professoras, referente as atividades de apropriação do SEA, realizada no contexto das salas de aula, utilizando para análise as categorias indicadas por Moraes (2008).

<b>ATIVIDADE DE APROPRIAÇÃO DO SEA NAS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS</b>	<b>1º Ano</b>	<b>Total</b>	<b>2º Ano</b>	<b>Total</b>	<b>3º Ano</b>	<b>Total</b>
Leitura de letras	28	28/134	18	18/137	02	02/134
Leitura de sílabas	29	29/134	19	19/137		
Leitura de palavras	34	34/134	27	27/137	07	07/134
Leitura de frases	02	02/134	09	09/137	05	05/134
Escrita de letras	06	06/134				
Escrita de sílabas	02	02/134				
Escrita de palavras	16	16/134	11	11/137	11	11/134
Escrita de frases	05	05/134	18	18/137	04	04/134
Cópia de letras	19	19/134	13	13/137		

Cópia de sílabas	19	19/134	13	13/137		
Cópia de palavras	19	19/134	13	13/137		
Cópia de frases	02	02/134			01	01/134
Cópia de texto					11	11/134
Contagem de letras em palavras	09	09/134	02	02/137		
Contagem de sílabas em palavras	07	07/134	02	02/137	06	06/134
Contagem de palavras em frases			01	01/137		
Partição de palavras em sílabas	07	07/134	03	03/137	06	06/134
Partição de palavras em letras	03	03/134				
Identificação de letras em palavras	43	43/134	06	06/137	01	01/134
Identificação de sílabas em palavras	08	08/134	03	03/137		
Identificação e exploração de rimas/alterações	01	01/134	03	03/137	01	01/134
Identificação e exploração de rimas/alterações com correspondência escrita	01	01/134	03	03/137	01	01/134
Produção de rimas/alterações com correspondência escrita	01	01/134	02	02/137	01	01/134
Comparação de: palavras quanto ao número de letras; quanto à presença de letras iguais/diferentes	01	01/134	04	04/137		
Comparação de: palavras quanto ao número de sílabas; quanto à presença de sílabas iguais/diferentes	02	02/134	02	02/137		
Formação de palavras a partir de letras ou sílabas dadas	16	16/134	22	22/137	04	04/134
Exploração da ordem alfabética	04	04/134	02	02/137	04	04/134
Formação de palavras com letras móveis	06	06/134	01	01/137		
Exploração da segmentação das palavras (só fez nas primeiras semanas para copiarem a data, depois pouco explorou)	04	04/134				
Exploração de diferentes tipos de letras	07	07/134	10	10/137		
Alfabeto móvel	01	01/134				
Identificação de palavra no texto	03	0303/134	01	01/137		

**Quadro 1 - Atividade de Apropriação do SEA.**

**Fonte:** Autoria Própria.

A partir do quadro 1 de Atividade de apropriação do SEA nas práticas das professoras, foi possível observar que no primeiro ano a atividade de identificação de letras em palavras foi a que ocorreu com mais frequência, sendo 43 vezes de um total de 134 dias registrados pela professora no caderno. Sendo estas de pintar a letra inicial, escrever a letra inicial, pintar no texto as palavras que tinham a letra em destaque a que a professora indicava.

Em seguida, ocorreu a leitura de palavras, 34 vezes de um total de 134 dias registrados pela professora no seu caderno, 29 vezes a leitura de sílabas e 28 vezes a leitura de letras. Ainda apareceram com grande destaque a cópia de letras, de sílabas e palavras, sendo 19 vezes cada uma delas, que aconteciam de forma conjunta, onde a professora mostrava a letra que desejava enfatizar, depois a família silábica referente à letra mostrada e, posteriormente, a construção coletiva da lista de palavras a partir das indicações que as crianças iam

sugerindo e relacionando com a letra destacada pela professora. Logo após, os alunos copiavam do quadro, conforme as situações observadas na sala de aula. Tal atividade era seguida do registro da data e era realizada sempre no momento inicial da aula, onde a professora buscava a atenção de todos neste momento, já que depois, nas demais atividades que realizavam, alguns demoravam muito para copiar ou escreverem, outros precisavam que a professora fosse até suas classes para ajudar mais de perto, outros se dispersavam facilmente. Essas atividades duravam cerca de 1 hora até 1 hora e 30 minutos, dependendo do tamanho da lista de palavras construída.

Depois, a escrita de palavras ocorreu 16 vezes, empatando com a formação de palavras a partir de letras ou sílabas dadas. Em seguida, a contagem de letras em palavras com nove vezes e contagem de sílabas em palavras por sete vezes e formação de palavras com letras móveis por seis vezes, o que poderia ter sido bem mais explorado pela professora, com aqueles que tinham mais dificuldade, já que é um material concreto e visível, o que permite às crianças visualizarem semelhanças e diferenças entre as letras utilizadas nas palavras, entre sílabas iniciais, no meio ou no final de palavras, que determinadas letras ou sílabas se repetem em algumas palavras, poderia ser utilizada também como uma estratégia para propor atividades diferenciadas de acordo com os diferentes níveis de escrita que se encontravam as crianças.

Observa-se que ganharam mais frequência nas práticas da professora, atividades com ênfase nas letras, nas sílabas e nas palavras. Que demais categorias que exploravam rimas, comparação de palavras, entre outras, foram pouco frequentes nas práticas sobre o sistema de escrita no 1º ano.

No 2º ano, a partir do quadro de Atividade de apropriação do SEA, nas práticas das professoras, foi possível observar que a atividade de leitura de palavras foi a que ocorreu com mais frequência, sendo 27 vezes, de um total de 137 dias registrados pela professora no caderno, seguida de formação de palavras a partir de letras ou sílabas dadas 22 vezes, de um total de 137. Ainda com elevada frequência ocorreu a leitura de sílabas 19 vezes, de um total de 137 e leitura de letras, perfazendo 18 vezes, de um total de 137 e escrita de frases 18 vezes, de um total de 137.

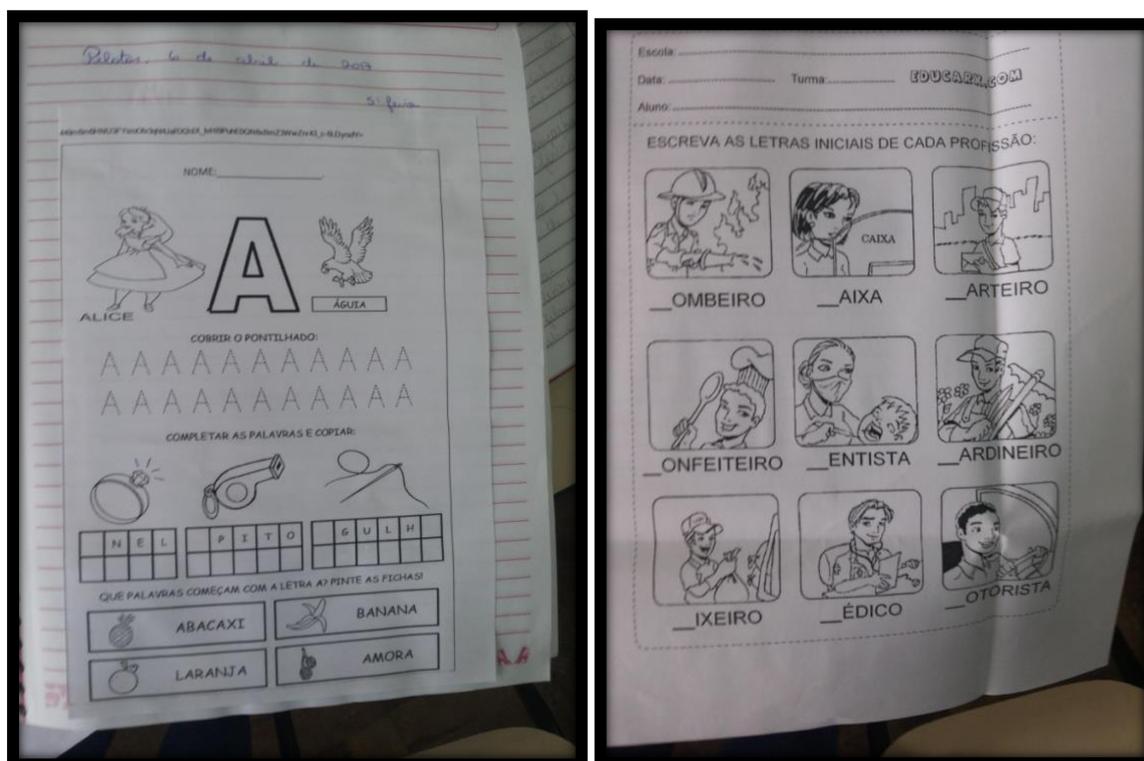
Semelhantemente ao 1º ano, no 2º ano também ocorreram com grande destaque a cópia de letras, de sílabas e de palavras, 13 vezes cada uma delas, que também aconteciam de forma conjunta, onde a professora mostrava a letra que desejava enfatizar, depois a família silábica referente à letra mostrada, e, posteriormente, a construção coletiva da lista de palavras a partir das indicações que as crianças iam sugerindo e relacionando com a letra

destacada pela professora. Logo após, os alunos copiavam do quadro, conforme as situações observadas na sala de aula, esta atividade era seguida do registro da data e durava cerca de uma hora e no segundo semestre durava cerca de 30 minutos.

Ainda no 2º ano, ocorreu 11 vezes a escrita de palavras, 10 vezes a exploração de diferentes tipos de letras e nove vezes a leitura de frases e seis vezes a identificação de letras em palavras, evidenciando neste ano maior uso das unidades da língua com maior ênfase na palavra, mas um uso também das outras unidades da língua como sílaba, letra, frase de forma mais próxima. Portanto, permaneceram poucas as atividades de exploração de rimas e atividades de comparação de palavras.

Já no 3º ano, as atividades de apropriação do SEA nas práticas das professoras foram em quantidade menor do que no primeiro e segundo ano, sendo a mais frequente a atividade de escrita de palavras, 11 vezes, de um total de 134, e 11 vezes cópia do texto, pois aqui os alunos já copiavam mais rápido e assim a professora geralmente passava o texto para copiarem e atividades de leitura e interpretação para realizarem. Ocorreu também sete vezes, de um total de 134, a leitura de palavras e seis vezes a contagem de sílabas em palavras e partição de palavras em sílabas. As demais categorias elencadas no quadro de apropriação do SEA foram pouco expressivas.

Importa salientar ainda que os registros de atividade 1 e 2 abaixo encontrados no caderno da professora T exemplificam a intensificação de atividades focadas em identificação de letras em palavras.



**Figura 01 e 02 - Registros de atividades.**  
Fonte: Registros da professora T.

Essas hipóteses das crianças não parecem acontecer de forma aleatória, mas consequência de práticas pedagógicas. Conforme pontuado no quadro Atividade de Apropriação do SEA, nas práticas das professoras apareceram 31 de 134 aulas as atividades de identificação de letras em palavras, sendo esta a de maior número de vezes entre as demais. Apareceram 28, de 134 aulas, atividades de leitura de letras e 19 vezes, de um total de 134 cópias de letras nas práticas pedagógicas. Sendo assim, na turma do 1º ano preponderaram no planejamento da professora atividades mais focadas na unidade chamada letra.

Não se pretende dizer aqui que não se deva trabalhar com unidades menores como letras e sílabas, mas é preciso trabalhar com todas as unidades: sílabas, letras, palavras, frases e textos de forma planejada e sistemática de reflexão sobre o SEA, conforme indicam Moraes (2005); (2008); (2012) e Soares (2016) e distribuídas de forma mais equilibrada no planejamento semanal. Também é importante destacar que quando o professor propõe uma atividade é relevante que esta atividade possa ser explorada de forma a trabalhar ao máximo diferentes unidades da língua, de forma que provoque reflexões e comparações quanto ao número de letras, de sílabas, semelhanças e diferenças entre as palavras.

#### 4 Considerações Finais

Os resultados apontam para uma relação entre o desempenho em leitura e escrita e as práticas realizadas em sala de aula. Observou-se que, referente às práticas de apropriação do SEA principalmente no primeiro ano, houve um predomínio de atividades envolvendo identificação de letras em palavras, seguida de leitura de palavras. Também, houve um predomínio de uso das unidades linguísticas como letra, palavra e sílaba, assim como foram pouco exploradas unidades maiores da língua como frases e textos.

Observou-se ainda que as atividades ficaram mais focadas no campo da identificação, sendo pouco exploradas atividades de comparação de palavras, quanto ao número de letras; quanto a presença de letras iguais/diferentes; quanto ao número de sílabas; quanto à presença de sílabas iguais/diferentes. Sendo portanto, pouco exploradas atividades de reflexão sobre o sistema de escrita.

#### Referências

FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**: seleção de textos de pesquisa. São Paulo: Cortez, 2013.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

MORAIS, Artur G. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização? In MORAIS, Artur G.; ALBUQUERQUE, Eliana B. C; LEAL, Telma F. **Alfabetização**: apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, Artur G. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Revista Presença Pedagógica**. Disponível em: <<http://www.presencapedagogica.com.br/capa6/artigos/52.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. As Muitas Facetas da Alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (52): 19-24, 1985.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica 1999.

TOLCHINSKY, L. **Aprendizagem da linguagem escrita**: processos evolutivos e implicações didáticas. São Paulo: Ática, 1995.